

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO NO PRESENTE E NO FUTURO\*

A indignação moral que a «boa sociedade» manifesta para com a prostituição constitui, sob muitos aspectos, motivo de cepticismo. Como se a prostituição não fosse a consequência inevitável de um estado de coisas que essa «boa sociedade», justamente, impõe à totalidade da população! Como se fosse da vontade absolutamente livre das raparigas prostituir-se, como se isso fosse uma diversão para elas! Certamente, entre a primeira vez, em que a miséria, a solidão irremediável, a ausência de qualquer educação moral, ou ainda o mau exemplo do ambiente incitam uma jovem a entregar-se por dinheiro, e por outro

\* Publicamos com agrado o presente artigo devido às suas estimulantes e originais concepções. Que o ponto de vista do anónimo senhor autor se distancie em pontos essenciais da visão que nós até à data defendemos é algo que não precisa de ser explicado aos leitores informados. Poderia ser útil, porém, adverti-los desse facto, para evitar mal-entendidos. Pre vemos a publicação de um próximo artigo sobre a prostituição que defende outros pontos de vista. Reservamo-nos eventualmente o direito a tomar a palavra sobre a questão. A Redacção.

Esta nota foi acrescentada ao artigo, publicado sob anonimato, no periódico *Die Neue Zeit*, em Janeiro de 1892. (N. T.)

lado, a indescritível miséria na qual termina habitualmente a sua carreira — decerto, pois, entre estes dois limites, existe, na maior parte do tempo, um período de prazer e de despreocupação. Mas a que preço, e quão breve! Nada mais falso do que chamar «raparigas de vida fácil»<sup>1</sup> a estas infelizes criaturas, e depreender daí que elas vivem para a alegria; talvez para a alegria alheia, mas não decerto para a própria. Ou crer-se-á que seja um prazer andar, noite após noite, ao calor, à chuva ou ao frio, na rua de um lado para o outro, para se oferecer como uma presa e servir de mecanismo ejaculatório ao primeiro que apareça, por mais repugnante que seja? Crer-se-á realmente que uma semelhante vida, ameaçada, por um lado, pelas doenças mais infectas, por outro, pela miséria e pela fome e, em terceiro lugar, pela polícia — crer-se-á, pois, que semelhante vida possa ser escolhida com esse livre-arbítrio que seria, em contrapartida, a única justificação para a indignação moral? Certamente que a prostituição sofisticada, que está fora de controlo, é mais favorecida e durante mais tempo; se a rapariga for bonita e conhecer a arte da recusa, se além disso estiver no teatro, então poderá escolher entre os candidatos, e talvez mesmo as pulseiras de diamantes. Fazendo abstracção do facto de que a queda é habitualmente mais dura quando a rapariga já não dispõe dos encantos que lhe permitiam proporcionar-se a si própria a vida *in dulci júbilo*<sup>2</sup> — a sociedade mostra-se curiosamente bastante mais indulgente para com esta prostituição mais sofisticada, certamente mais capaz de se valer em

<sup>1</sup> No original «Freudenmädchen» que significa aproximadamente «raparigas de vida alegre». (N. T.)

<sup>2</sup> No original em latim. Itálico nosso. (N. T.)

geral melhor pelos seus meios do que a prostituição de rua ou de bordel, em comparação com a prostituição de nível mais baixo, a qual, no entanto — supondo que haja nisso pecado —, é muito mais castigada pela miséria da sua existência do que a primeira. A actriz que em nada é mais moral do que a rameira de rua, e que se mostra talvez mesmo mais calculista e vampiresca, é recebida nos salões de onde a prostituta de rua seria expulsa pelos cães. As pessoas felizes, de facto, têm sempre razão e a lei mais cruel que determina que se dê a quem possui e se tire a quem nada tem não conhece executor mais severo do que a «boa» sociedade. Da mesma maneira que esta, um pouco por toda a parte, só enforca os pequenos gatunos, também lança toda a sua virtuosa indignação sobre as pobres raparigas da rua, mostrando pudor unicamente em função da melhor ou pior condição das prostitutas. É que a sociedade vê no infeliz o seu inimigo — e não deixa de ter razão. Pois o infeliz, o indivíduo desfavorecido por sua culpa ou mesmo na ausência dela, e sobre o qual impende um juízo de exclusão justo ou não, será responsabilizado pela colectividade por não ter conseguido alcançar melhor lugar no seu seio. Ele odiá-la-á e ela odiá-lo-á em paga, rejeitando-o ainda mais. Mesmo não tomando em conta os benefícios directos da sua situação, da mesma maneira que o feliz proprietário receberá em acréscimo um prémio de felicidade devido ao facto de a sociedade o respeitar, o engrandecer e lhe conceder a prioridade em tudo, assim também o infeliz será punido pelo seu infortúnio, porque a sociedade o trata como um inimigo nato. Todos os dias se pode observar como o ricoço escorraça o mendigo com *cólera* — como se ser pobre constituísse um agravo moral, como se isso justificasse a indignação moral. Neste caso, como

acontece frequentemente, a má consciência que o rico sente perante o pobre esconde-se atrás da máscara de uma legitimidade moral, de maneira tão permanente, com pseudomotivos tão peremptórios, que a própria vítima acaba por acreditar neles. A diferença que a sociedade estabelece no juízo e no tratamento que reserva à prostituição elegante e à prostituição miserável é um dos exemplos mais esclarecedores, ou melhor, mais tenebrosos da equidade dessa sociedade, que torna o infeliz cada vez mais infeliz, perseguindo-o devido, justamente, à sua infelicidade, como se se tratasse de um pecado cometido contra ela — talvez por uma obscura antecipação, de que ele possa ter pelo menos a forte tentação de cometer um pecado contra ela.

Este tipo de relação permite designar a prostituição — tão antiga como a história da civilização — precisamente como um produto, na sua essência actual, das nossas condições sociais. As culturas que se encontram num estádio inferior não acham nada de chocante na prostituição — o que é bem compreensível, porque esta não tem para elas a nocividade social de que se reveste num estado de coisas mais evoluído. Segundo Heródoto, entre os Lídios da Antiguidade as raparigas entregavam-se por dinheiro para obterem um dote; em alguns lugares de África o mesmo costume prevalece ainda hoje, e em nada diminui o respeito devido às raparigas — entre as quais se encontram frequentemente as princesas reais —, assim como não as impede de se casarem e se tornarem mulheres respeitáveis. Encontramos aqui expressa a ideia, resquício de um estádio antigo da sexualidade ainda por regulamentar, de que cada mulher pertence de facto à etnia na sua totalidade e que, portanto, se subtrai de certa forma a uma obrigação social ao casar-se com *um*

único homem; pelo menos até às núpcias ela tem de cumprir esta obrigação entregando-se a qualquer um. E este comportamento eleva-se tão alto na ordem moral que muitas vezes se assiste mesmo ao surgimento de uma prostituição de culto — uma entrega de si cuja receita reverte a favor do tesouro do templo, como disse dá conta Estrabão, a propósito das jovens da Babilónia.

Tudo isto só é possível se não existir ainda uma economia monetária estabelecida de forma permanente. Pois a partir do momento em que o dinheiro se torna a medida de todas as outras coisas — quando uma infinidade de objectos extremamente diversos podem ser obtidos em troca dele — este exhibe uma ausência de cor e de qualidade que desvaloriza, num certo sentido, tudo aquilo de que é o equivalente. O dinheiro é a coisa mais impessoal da vida prática\* e, a esse título, torna-se completamente impróprio como meio de troca contra um valor tão pessoal quanto a entrega de uma mulher. Se, apesar de tudo, o dinheiro desempenhar esse papel, rebaixa ao seu nível esta realidade individual de um valor específico, e a mulher em questão prova assim que não coloca a sua propriedade mais pessoal acima desse meio de troca, e que esta equivale igualmente a milhares de outras coisas de menor preço. Quando o dinheiro não constitui ainda a medida de quase todos os valores da existência, como entre nós, quando ele é, pois, ainda algo de mais raro e de menos usado, a entrega do bem pessoal em troca de dinheiro não é ela própria tão degradante. Ao que se junta o seguinte: quanto mais as mulheres estão numa situação inferior, tanto mais permanecem ligadas ao tipo gené-

\* Retiro isto de um ensaio de G. Simmel, *Zur Psychologie des Geldes*, in: Schmol-ler's Jahrbuch, XIII, 4.